

REFLEXOS (IN)VERSOS, *no País das Maravilhas*

Em 1865, Lewis Carroll criou *Alice no País das Maravilhas* nos presenteando com uma sequência de aventuras, encontros e desencontros vividos pela personagem principal Alice que dialogam diretamente com nosso subconsciente que, estimulado pela fantasia, reage de modo imediato e involuntário nos colocando frente a frente com quem somos e nos interrogando onde queremos chegar.

Tudo faz sentido nesse país onde nada faz sentido. Sonho e realidade se misturam dando total liberdade a nossa imaginação. E é nesse universo surpreendente repleto de poesia que nos percebemos como *reflexos de Alice* ao viver suas aventuras por meio de 10 instalações luminosas e imersivas onde cada uma delas representa um personagem ou um momento central da história. Para viver essa viagem, primeiro precisa ter coragem de dar o primeiro passo, como nos ensina o Coelho Branco: *Começa pelo começo. E quando chegar ao fim, pára.*

O começo é um longo túnel que atravessa-lo significa seguir uma voz interior e mergulhar nos mistérios da imaginação abrindo as portas para um mundo paradoxalmente parecido com a realidade, repleto de reflexões complexas que questionam a nossa existência, nos permitindo descobrir novas potencialidades e formando nosso caráter. Assim, abrindo nossas mentes, vamos aguçando a criatividade e fortalecendo nosso senso crítico.

Uma viagem contra o tempo e sem retorno. Uma vez dado o primeiro passo devemos nos entregar e mergulhar nessa aventura passando de uma a outra até chegar ao fim. As vezes, envolvidos por lágrimas copiosas, enfrentamos nossos medos e lados mais obscuros e sombrios para sairmos fortalecidos; outras, mais vulneráveis e fragilizados nos sentimos como formiguinhas em um imenso gramado verde de folhas gigantes. Impotentes. E, dessa experiência infinitamente minúscula, sem pre aviso, nos encontramos incrustados num cubículo que mal cabem nossos braços e nossa pernas. Somos grandes demais! Sufocados, apertados, impedidos de nos movimentarmos livremente. Já não sabemos mais quem somos e, como diz Alice: *Essa é a grande confusão!*

Nessa sequência de grandes mudanças, ora pequenos demais, ora grandes demais, como uma lagarta, vamos nos desenvolvendo até nos tornarmos plenamente quem somos. E no desconforto de se sentir desproporcionado, fora de lugar, vamos tentando encontrar uma normalidade na loucura de não saber mais quem somos e, quando percebemos, estamos naufragando numa simples xícara de chá. Enlouquecidos, num mundo que para ser normal é preciso mesmo ser um pouco louco!

Quando parece que nada mais faz sentido, por uma pequena passagem, nos encontramos num mundo encantado, colorido, o mais lindo jardim que alguém já viu. Um jardim de sonhos rodeado de flores por todos os lados. Inebriados de beleza, sentimos a paz que brota de um respiro profundo. Soltamos o ar e novamente seguimos viagem. Mesmo sem saber muito para onde ir, continuamos em frente até nos depararmos com um gato que, acendendo e apagando como um pisca-alerta, nos avisa: *Se voce não sabe onde quer ir, qualquer estrada serve.*

E, assim, seguindo sempre em frente, ouvindo a voz e as pulsações mais profundas de nossos corações chegamos ao fim. E, aí, paramos.